



UNILAB

Universidade da Integração
Internacional da Lusofonia
Afro-Brasileira

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA – UNILAB
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES**

TINO TAMBA

**ENSINO SUPERIOR NA GUINÉ BISSAU DEPOIS DA INDEPENDÊNCIA ENTRE
1974-2012**

REDENÇÃO

2016

TINO TAMBA

ENSINO SUPERIOR NA GUINÉ BISSAU DEPOIS DA INDEPENDÊNCIA ENTRE
1974-2012

Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em Humanidades apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Profa. Dra. Rebeca de Alcântara da Silva Meijer.

REDENÇÃO

2016

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab (SIBIUNI)
Biblioteca da Unidade Acadêmica dos Palmares
Catálogo na fonte

Tamba, Tino.
T158e

Ensino superior na Guiné Bissau depois da independência entre 1974-2012 / Tino Tamba.
Redenção, 2016.

42 f.; 30 cm.

Monografia do curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração
Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB.

Orientadora: Profa. Dra. Rebeca de Alcântara da Silva Meijer.
Inclui Lista de Referências.

1. Guiné Bissau 2. Ensino superior 3. História da educação I. Título.

CDD 370

TINO TAMBA

ENSINO SUPERIOR NA GUINÉ BISSAU DEPOIS DA INDEPENDÊNCIA ENTRE
1974-2012

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, como pré-requisito para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em: 05/08/2016

BANCA EXAMINADORA

Professora Doutora Rebeca, de Alcântara da Silva Meijer (Orientadora)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Professora Doutora Geranilde Costa e Silva (Banca examinadora)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Professor Doutor Mário Fernandes Biaguê (Banca examinadora)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Dedico este trabalho a meus familiares e a Sambonh Na Brenha, minha mãe, pela compreensão da minha ausência durante estes anos de minha estadia aqui no Brasil, longe da família.

AGRADECIMENTOS

Começaria por agradecer ao Todo Poderoso que está no céu, que é o meu Deus vivo que me salvou e me deu força, energia e capacidade para que eu pudesse chegar hoje a esta fase tão importante para a minha vida e também para a da minha família.

Agradeço também imensamente à minha orientadora, a Profa. Dra. Rebeca Alcântara Meijer pelo tempo que disponibilizou para me orientar nesta pesquisa. Que Deus a abençoe ricamente na sua caminhada diária.

Não posso deixar de agradecer à CPLP, ao Brasil, por esta oportunidade que tive de vir me formar aqui no Brasil. Hoje estou preparado tecnicamente para dar a minha contribuição para o desenvolvimento da minha amada pátria.

Agradeço também a todos os meus amigos e colegas que contribuíram para que eu pudesse realizar esta pesquisa.

Enfim, resumindo as minhas palavras, tenho a dizer muito obrigado a todos.

RESUMO

Este trabalho é uma pesquisa para a monografia de graduação, no curso de Bacharelado em Humanidades. A pesquisa tem como finalidade procurar compreender a história do Ensino Superior em Guiné Bissau desde o seu surgimento em 1974, até 2012; esclarecer por que o Ensino Superior surgiu tardiamente em Guiné Bissau, em relação a Portugal e às demais colônias (francesas e inglesas); compreender por que o Ensino Superior ainda não estava consolidado neste período e perceber como o poder político se destacou neste processo. Para tanto, foi realizada esta pesquisa, de caráter qualitativo, através do levantamento de dados bibliográficos, ou seja, documentos escritos sobre o tema, livros, resumos, dissertações, etc. A República de Guiné-Bissau se tornou independente da metrópole portuguesa no ano de 1973 e no ano seguinte sua independência foi reconhecida por Portugal. Depois, passou a ser imperioso a mobilização de todos os cidadãos para a reconstrução da nação guineense, carente de quadros para poder levar este processo adiante, o que levou à cooperação com os seus parceiros internacionais. Mas, já na década de 80, o país assistiu à abertura do ciclo de instabilidade política e militar, crise que dominou todo o nosso período da pesquisa, até o ano de 2012. A reflexão sobre institucionalização do Ensino Superior iniciou-se entre os anos 1980 a 1990. Mas só foi possível concretizar esta ideia no final dos anos 90. Durante esta pesquisa sobre o Ensino Superior na Guiné Bissau, foi constatado que, na verdade ele surgiu tardiamente em Guiné Bissau, em relação a Portugal e às outras colônias devido ao pouco interesse dos colonizadores portugueses. Quanto ao poder político, percebemos que, em Guiné Bissau, este não compreendeu o processo do Ensino Superior como sendo uma das prioridades para desenvolvimento de um país.

Palavras chave: Ensino Superior. Guiné Bissau. História da Educação.

ABSTRACT

This work is a research for the graduate thesis in the course of Bachelor of Humanities. The research aims to seek to understand the history of higher education in Guinea Bissau since its inception in 1974 until 2012; clarify why higher education came late in Guinea Bissau in comparison with Portugal and the other colonies (French and English); understand why higher education was not yet consolidated in this period and realize how political power stood out in this process. Therefore, this research was conducted on a qualitative basis, through the survey of bibliographic data, i.e., written documents on the subject, books, abstracts, dissertations, etc. The Republic of Guinea-Bissau became independent from the Portuguese colony in 1973 and the following year its independence was recognized by Portugal. Then it was imperative to rebuild the country and mobilize the union of all citizens to the reconstruction of the Guinean nation, devoid of qualified personnel to take this process forward, which led to cooperation with its international partners. But already in the 80s, the country attended the opening of the cycle of political instability and military crisis that dominated our whole research period, until the year 2012. A reflection on institutionalization of higher education began from 1980 to 1990. But it was only possible to accomplish this idea in the late 90. During this research on Higher Education in Guinea Bissau, we concluded that, in fact it came late in Guinea Bissau, in relation to Portugal and the other colonies due to the little interest of the Portuguese colonizers. As for political power, we realized that the political power of Guinea Bissau, did not understand the process of Higher Education, as one of the priorities for development of a country.

Keywords: Higher Education. Guinea Bissau. History of Education.

RÉSUMÉ

Ce travail est une recherche de la thèse d'études supérieures dans le cadre d'un baccalauréat en sciences humaines. La recherche vise à chercher à comprendre l'histoire de l'enseignement supérieur en Guinée Bissau depuis sa création en 1974 jusqu'en 2012; expliquer pourquoi l'enseignement supérieur est venu tard en Guinée-Bissau par rapport au Portugal et à la colonie (française et anglaise); comprendre pourquoi l'enseignement supérieur n'a pas encore été consolidée dans cette période et réaliser à quel point le pouvoir politique se distingue dans ce processus. Par conséquent, cette recherche a été menée, qualitativement, à travers l'étude des données bibliographiques, à savoir, des documents écrits sur le sujet, des livres, des résumés, des dissertations, etc. La République de Guinée-Bissau est devenue indépendante de la colonie portugaise en 1973 et l'année suivante son indépendance a été reconnue par le Portugal. Ensuite, il était impératif de reconstruire le pays et mobiliser l'union de tous les citoyens pour la reconstruction de la nation guinéenne, dépourvue de cadres en vue de faire avancer ce processus, ce qui a conduit à la coopération avec ses partenaires internationaux. Mais déjà dans les années 80, le pays a assisté à l'ouverture du cycle de l'instabilité politique et la crise militaire qui a dominé notre période d'enquête jusqu'à l'an 2012. Une réflexion sur l'institutionnalisation de l'enseignement supérieur a commencé dans les années 1980 à 1990. Mais il était seulement possible de réaliser cette idée dans la fin des années 90. Au cours de cette recherches sur l'enseignement supérieur en Guinée-Bissau, nous avons conclu que, en fait, il est arrivé tard en Guinée Bissau, en ce qui concerne le Portugal et les autres colonies, à cause de peu d'intérêt des colonisateurs portugais. En ce qui concerne le pouvoir politique, nous nous sommes aperçus avons que le pouvoir politique de la Guinée-Bissau, ne comprenait pas le processus de l'enseignement supérieur, comme l'une des priorités pour le développement d'un pays.

Mots-clés: Enseignement supérieur. Guinée Bissau. Histoire de l'éducation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - Escolas superiores, técnicas e médias (privadas e públicas)	21
Figura 1 - Mapa político da Guiné Bissau.....	23
Figura 2 - Foto dos primeiros escravos na Guiné Bissau, no primeiro momento.....	25
Figura 3 - Foto de massacre dos funcionários de porto de Bissau, no dia 3 de agosto de 1959.....	26
Figura 4 - Bandeira da Guiné Bissau.....	27

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	15
3	CONTEXTUALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR.....	17
3.1	Contextualização histórica da Guiné-Bissau.....	22
4	O SURGIMENTO TARDIO DO ENSINO SUPERIOR NA GUINÉ-BISSAU EM RELAÇÃO A PORTUGAL E À COLÔNIA FRANCESA E INGLESA.....	29
5	REFLEXÕES ACERCA DA NÃO CONSOLIDAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR NO PERÍODO 1974-2012.....	33
6	O PODER POLÍTICO DA GUINÉ-BISSAU FRENTE AO PROCESSO DE ENSINO SUPERIOR.....	36
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
	REFERÊNCIAS.....	42

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho intitulado Ensino Superior na Guiné Bissau depois da independência entre 1974-2012, é uma pesquisa da monografia de graduação no curso de Bacharelado em Humanidades. A escolha do tema foi motivada através da experiência de Tino Tamba como professor de ensino primário durante quatro anos. Foi através desta experiência que ele começou a se interessar em pesquisar a Educação superior em Guiné-Bissau. O tema é de suma importância para pesquisador porque através dele será aprofundado o seu conhecimento sobre o Ensino Superior na Guiné Bissau.

Este tema tem grande relevância para a UNILAB, porque parte de um membro de seu quadro discente, bastante motivado pela docência, apesar da falta de prestígio que tem o professor em Guiné Bissau. É relevante a informação sobre o Ensino Superior na Guiné Bissau, o fato de haver mais um documento escrito para pesquisa e consulta, ajudando através da educação a integração dos países presentes na UNILAB. Não só para a UNILAB, mas também para os países parceiros da CPLP que se encontram representados na UNILAB. Também a pesquisa seria importante para a sociedade guineense, porque há pouca coisa escrita sobre o Ensino Superior em Guiné Bissau.

A pesquisa tem como objetivo procurar compreender a história do Ensino Superior em Guiné Bissau, desde o seu surgimento, no período entre 1974 e 2012. Esclarecer por que o Ensino Superior surgiu tardiamente em Guiné-Bissau, em relação a Portugal e às demais colônias (francesas e inglesas). Compreender por que o Ensino Superior ainda não foi consolidado neste período e perceber como o poder político considerou o processo do Ensino Superior durante o período da pesquisa.

Por que o ensino superior surgiu tardiamente na Guiné Bissau em relação a Portugal e às colônias francesas e inglesas?

A República de Guiné Bissau, campo do olhar da presente pesquisa, fica situada no terceiro maior continente do mundo, que é a África, na sua costa ocidental. Tem fronteira com o Senegal, no norte do país e no Sul tem fronteira com a República da Guiné Conakry. Sua área total é de 36.125km² e população total é de 1.799.842 habitantes.

Administrativamente está dividida em oito regiões e um setor autônomo de Bissau. São elas: Bolama, Gabú, Bafatá, Cacheu, Quinara, Oio, Biombo e Tombali. Bissau é o setor autônomo cuja capital, Bissau, é a capital da República de Guiné Bissau. As regiões se agrupam em três províncias: província leste, província norte e província sul.

Para a melhor compreensão do processo do Ensino Superior na Guiné Bissau, será apresentada a sua contextualização. Com a evolução do Ensino Superior no mundo, a África não ficou de fora, em termos de experimentação. Já na década de 60, começou a surgir o Ensino Superior em alguns países da África, nomeadamente o PALOP (Países da África da Língua oficial Portuguesa).

A educação Superior sobrechegou para atender as demandas da classe média da sociedade, ou seja, a elite do poder. Mas com o decorrer do tempo, a situação veio alterando-se pouco a pouco em muitos países. No final do século XIX e início do século XXI, muitas pessoas pobres que não tinham oportunidade de acesso às universidades, passaram a tê-la.

Conforme foi apresentado, na década de 60 a África lusófona começou a experimentar o Ensino Superior, neste caso, os países de língua oficial portuguesa (PALOP), segundo Arnaldo Sucuma (2013). Em 1962 foi implementado o Ensino Superior em Angola, em 1995 em Cabo Verde, em 1998 em São Tomé e Príncipe (SUCUMA, 2013, p.61).

Em relação ao surgimento do Ensino Superior em alguns países não colonizados pelos portugueses: em 1538 apareceu a primeira Universidade da América em Santo Domingo, depois a Universidade de Lima (Peru) em 1557, a do México surgiu em 1559 e em 1636 apareceu a Universidade Harvard, nos Estados Unidos.

No que diz respeito a república da Guiné Bissau, o processo do Ensino Superior começou a ser pensado entre os anos oitenta e noventa, como nos ilustrou Arnaldo Sucuma, 2013. p.18. A reflexão sobre a institucionalização do Ensino Superior iniciou-se entre os anos 1980 e 1990, mas só foi possível concretizar esta ideia no final dos anos noventa (SUCUMA, 2013).

“Nos finais dos anos oitenta, o presidente da República, General João Bernardo Vieira, posicionou-se, publicamente, em favor da criação de uma Universidade na Guiné Bissau” (NHHAGA *apud* MONTEIRO; SILVA). Já em 1991, Carlos Lopes apresentou pela primeira vez ao Governo e aos meios académicos um documento sobre a necessidade de ter a Guiné Bissau uma Universidade (NHAGÁ, 2011).

Já em 1979 foi criada no centro da cidade de Bissau a escola Normal Superior Tchico Té, cujo papel era a formação dos professores do Ensino secundário, com o grau Profissional médio. Depois do conflito militar do sete de junho de 1998, foi implementada a licenciatura no curso de língua portuguesa, com o apoio de Instituto Camões em Bissau. Em 1986 foi criada a Escola Nacional de Educação Física e Desporto (ENEFD), para formar os profissionais da área. Também em 1986 foi fundada Faculdade de Medicina de Bissau, com o

objetivo de formar os quadros para área da saúde. Em 1979 foi fundada a Escola de Direito de Bissau para formar profissionais da área jurídica. Em 1990 a Faculdade de Direito de Lisboa assumiu a assessoria científica e pedagógica na Escola de Direito que foi transformada em Faculdade de Direito de Bissau, passando a contribuir para o reforço das instituições estatais e a melhoria do funcionamento da administração, já tendo formado grande número de juristas, funcionando em cooperação com a faculdade de Direito de Lisboa. (SANHÁ, 2009, p.37-38).

Já em dezembro de 1999, foi criada a primeira universidade no país, através de decreto lei número 6/99, a Universidade Amílcar Cabral. Mas só começou a funcionar no ano letivo de 2003/2004. No mesmo ano, foi criada uma universidade privada no país, neste caso, a Universidade Colina de Boé. Com esta iniciativa privada no país, abriram-se as portas para o surgimento das outras universidades privadas, como: Universidade Jean Piaget, Universidade Católica da África Ocidental, Universidade Lusófona e Instituto Superior Politécnico Benhoblô (SANHÁ, 2009, p.38-39).

Uma vez apresentado o campo da pesquisa, passo a apresentar a organização do presente trabalho de conclusão de curso. Esta monografia está dividida em seis partes: a primeira apresenta a metodologia da pesquisa; a segunda é a contextualização histórica do Ensino Superior, para contribuir para melhor compreensão deste processo; a terceira apresenta a contextualização histórica da Guiné Bissau, que nos colocará mais ou menos cientes da situação geográfica do país que ora pesquisamos; a quarta discorre sobre o tardio surgimento do Ensino superior na Guiné Bissau, em relação a Portugal e às colônias francesas e inglesas; a quinta faz reflexões acerca da não consolidação do Ensino Superior no período de 1974 a 2012 e a sexta, tece considerações sobre o poder político da Guiné Bissau frente ao processo de implementação do Ensino Superior.

2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

O caminho percorrido para a realização desta pesquisa foi o levantamento dos dados bibliográficos, ou seja, os documentos escritos sobre o tema, nomeadamente livros, resumos e dissertações ligados ao tema, como a melhor forma de recolher as informações necessárias. Cabe salientar que esta pesquisa é qualitativa.

A palavra metodologia tem a sua origem no grego *metá* que quer dizer “na direção de”, e *hodós*, que quer dizer “caminho”, e *logos* que é “estudo”. Ela mostra como avançar no procedimento da ciência para poder chegar a uma determinada conclusão pretendida.

A metodologia trata das formas de se fazer ciência, cuidando dos procedimentos, das ferramentas e dos caminhos. A finalidade da ciência é tratar a realidade teórica e prática; para tanto, porém, colocam-se vários caminhos. É dos caminhos que trata a metodologia. A ciência propõe-se a captar e manipular a realidade, já a metodologia busca caminhos que possam levar a ciência a atingir seus objetivos (RODRIGUES, 1987 *apud* EMO, 1966, p.19-20).

Segundo Rodrigues (1987, p.19-20) é necessário que os trabalhos acadêmicos da universidade, faculdade, que estão sendo desenvolvidos pelos estudantes, possam ser bem elaborados, com a estrutura e fundamentação lógicas recomendadas pela metodologia e as normas oficializadas pelas instituições especializadas na área. Metodologia é um instrumento de grande relevância no apoio a formação dos estudantes, levando-os a produzir os conhecimentos científicos para a sociedade.

Uns dos seus objetivos, segundo Rodrigues (1987. p.20-21), é pesquisar o conhecimento e suas múltiplas formas dando ênfase à relevância da norma científica; pesquisar a norma científica e a sua importância para a ciência; mostrar o conhecimento indispensável, a técnica que permita a melhor forma de aproveitamento na aprendizagem dos estudantes; dar referenciais teóricos e práticos para aumentar no aluno, a visão crítica do conhecimento.

A metodologia científica é a disciplina que deve levar o aluno pelos caminhos necessários para a autoaprendizagem e para o estudo da ciência em seus métodos e a sua técnica. É ainda uma disciplina que não só deve transmitir conhecimentos, mas também possibilitar ao aluno compreender a relação teoria e prática e produzir conhecimento (RODRIGUES, 1987.p.21).

Também a pesquisa é qualitativa, tem “caráter exploratório”, isto é, os “estimula” (os estudantes) a pensarem livremente sobre algum tema, mostra aspectos subjetivos e atingem motivações não explícitas, ou mesmo conscientes, de maneira espontânea”. Ou seja,

ela está relacionada ao levantamento de dados sobre as motivações de um determinado grupo, com o objetivo de compreender e interpretar os seus comportamentos, é exploratória e, portanto, não se preocupa com a obtenção de um número como resultado. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, uma vez que aponta a estratégia de pesquisa necessária para levar ao desenvolvimento de uma determinada pesquisa científica. Busca esclarecer e debater um determinado tema, assunto ou problema, com base em documentos escritos, como livros, revistas, dicionários, jornais, *sites*, CDs. Procura conhecer, analisar e explicar contribuições para o assunto pesquisado.

Segundo Martins (2009, p.54), a pesquisa bibliográfica é um excelente meio de informação científica quando realizada independentemente de qualquer teoria ou como parte indispensável de qualquer trabalho científico ou estudo teórico.

Esta pesquisa bibliográfica tem grande vantagem no sentido de ajudar o pesquisador a conseguir uma série de informações mais amplas do que ele poderia conseguir numa ação direta no desenrolar de sua investigação. Acresce sua importância quando o assunto pesquisado tem dados dispersos em diferentes lugares, além do fato de ser indispensável para a realização da pesquisa histórica.

3 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO ENSINO SUPERIOR

O Ensino Superior é uma das invenções mais importantes do homem, a partir da sua tentativa de transformar a realidade onde se encontra, procurando construir vários conhecimentos científicos, para a edificação da sociedade humana. Este conhecimento é muito relevante e destarte muito procurado pela sociedade moderna, uma vez que forma um hábito de passar conhecimentos através de gerações (SUCUMA, 2013. p.48).

A educação é a ação exercida, pelas gerações adultas, sobre as gerações que (...) encontram ainda preparadas para a vida social; tem por objeto suscitar e desenvolver, na criança, certo número de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política, no seu conjunto, pelo meio especial a que a criança particularmente, se destine. (SUCUMA, 2013 *apud* DURKHEIM, 1978, p.41).

No que se refere ao conceito de educação, é a forma pela qual um determinado grupo da comunidade ou da sociedade, transmite o conhecimento para as gerações futuras. Ou seja, um ato de educar, de instruir na base de determinado comportamento aprovado pela sociedade, ou valor de uma cultura, para que este valor seja preservado como patrimônio daquela sociedade.

Para Carlos Brandão, “educação é o modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade. Pode ser uma das formas que as pessoas criam para tornar comum através dos seus ensinamentos (...)”.

No sentido formal, educação é procedimento de formação no ensino e aprendizagem que consta no currículo elaborado pelo Ministério da educação nacional de um país para área do ensino. Que é executado nas escolas públicas e como também nas escolas privadas, que se encontram sob o controle do Ministério da Educação.

A sociedade moderna goza de grande oportunidade de solidificação no processo de formação do Ensino Superior. Esta formação implica em grande desenvolvimento científico e tecnológico, do século XVIII até o século XX, tendo passado por várias fases, desde a Idade Média até os nossos dias (SUCUMA, 2013, p.49).

Para ele, estas fases foram divididas em quatro etapas:

O primeiro, do século XII até o renascimento, é o período da invenção da Universidade em plena idade Média (...). O segundo começa no século XV, Universidade renascentista recebe o impacto das transformações comerciais do capitalismo e do humanismo literário e artístico (...). A partir do século XVII, marcado por descobertas científicas em vários campos do saber e do iluminismo do século XVIII, com a valorização da razão (...) e no início da revolução industrial

inglesa, a Universidade começa a institucionalizar a ciência numa transição para os modelos que se desenvolverão no século XIX. O quarto período que institui a Universidade moderna no séc. XIX (...), introduzindo uma nova relação entre estado e Universidade, permitindo que configurem os principais padrões variantes das Universidades. (SUCUMA *apud* TRINDADE, 1999.p.11).

“O ensino Superior nasceu simplesmente para atender as demandas da nova forma da organização social e econômica, ou seja, a elite do poder”. Com o decorrer do processo, a situação vem sendo mudada pouco a pouco em muitos países no final do século XIX e início do século XXI, quando muitas pessoas pobres passaram a ter acesso à universidade. (SUCUMA, 2013, p.50).

De acordo com a citação do Arnaldo Sucuma na sua dissertação de mestrado:

A Universidade, como instituição social, haveria de se transformar abandonando mesmo nas que se alinham na contra reforma, seu padrão tradicional, teólogo-, jurídico-filosófico. A universidade renascentista se abre ao humanismo e as ciências, realizando a transição para os diferentes padrões da Universidade moderna no século XIX. (SUCUMA *apud* TRINDADE, 1978, p. 48)

A Educação tem uma atividade social, quer dizer, qualquer estado que almeja o desenvolvimento não pode ignorá-la (SUCUMA *apud* DURKHEIM, 1978, p.48). Neste caso, a participação do estado no ‘amadurecimento e transformação’ das universidades denominadas modernas, foi de suma importância, pois licenciou uma independência das instituições universitárias no processo de produção dos conhecimentos no âmbito social, político e científico. Isto revela claramente a diferença entre as instituições tradicionais e as da nossa época (SUCUMA, 2013, p.51).

Com a evolução do processo do Ensino Superior no mundo, a África não deixou de experimentá-lo, como quaisquer outros continentes que compõem o planeta terra. Assim sendo, começaram a aparecer as universidades na África na década de 60, mas nesta parte serão apresentados os Países Africanos da Língua Oficial Portuguesa (PALOP) (SUCUMA, 2013). No segundo capítulo do referido trabalho será abordado sobre o surgimento de universidades em alguns países de outras colônias.

Em 1962 foi implementado o Ensino Superior em Angola. A sua Universidade pública foi criada em 1968 e a Universidade Católica em 1999. Em 1962 foi criada a primeira universidade em Moçambique, que em 1976 passou a ser chamada a Universidade Eduardo Mondlane (SUCUMA, 2013). Em 1995 foi fundada a Universidade de Cabo Verde, que só começou a funcionar um ano depois. Já em 1998 surgiu em São Tomé e Príncipe, o Instituto Superior Politécnico (AUGEL, 2014. p.141).

No que diz respeito a Guiné Bissau, depois de se tornar independente do jugo colonial português, o país sofreu com a falta de recursos humanos em diferentes instituições do país, para dar continuidade à execução dos projetos políticos existentes relativos à reconstrução do país após a independência. Como reconstruir um país com carência dos recursos humanos qualificados? Este foi o grande desafio que o PAIGC enfrentou depois da proclamação unilateral da Independência em Madina de Boé.

Dada esta dificuldade de falta de quadros profissionais no país, originou-se o acordo de cooperação entre o governo da Guiné Bissau e seus parceiros, no domínio da formação dos quadros profissionais para o país, não obstante a demanda do país não foi atendida devido às poucas vagas concedidas pelos parceiros (SANHÁ, 2009, p.37).

Como explicou Alberto Sanhá (2009, p.37):

Os sucessivos governos foram estabelecendo relações de cooperação com os seus parceiros de desenvolvimentos, no domínio de Ensino Médio, profissional e posteriormente, ao nível de formação Superior. Maioria de acordo consistia em envio dos estudantes guineenses para formação no estrangeiro. Tendo em conta o número limitado de bolsas e crescente procura, especialmente para o Ensino Superior, o país foi confrontado com a necessidade do próprio – nacional Ensino Superior.

Esta razão levou o país a pensar na criação de algumas escolas no próprio país para poder atender à demanda imposta pela sociedade.

De acordo com SANHÁ (2009, p.37), era preciso que a Guiné Bissau pautasse a formação dos seus quadros internamente, para poder garantir um desenvolvimento durável e autossustentado. Assim começaram a surgir algumas escolas no país, com intuito de atender à demanda da sociedade.

Em 1979 escola de direito de Bissau para formar profissionais de direitos. Já na década de 90 experimentou a licenciatura na área de direito. Na Administração de Faculdade de Direito de Lisboa (SANHÁ, 2009, p.37-38). Já em 1979 foi criada no centro da cidade de Bissau a escola Normal Superior Tchico Té, cujo papel era a formação dos professores do Ensino secundário, com o grau Profissional médio. Depois do conflito militar do sete de junho de 1998, foi implementada a licenciatura no curso de língua portuguesa, com o apoio de Instituto Camões em Bissau. Em 1986 foi criada a Escola Nacional de Educação Física e Desporto (ENEFD), para formar os profissionais da área. Também em 1986 foi fundada Faculdade de Medicina de Bissau, com o objetivo de formar os quadros técnicos para área da saúde. Em 1979 foi à vez da Escola de Direito de Bissau para formar profissionais da área jurídica. Em 1990 a Faculdade de Direito de Lisboa assumiu a assessoria científica e

pedagógica na Escola de Direito que foi transformada em Faculdade de Direito de Bissau, passando a contribuir para o reforço das instituições estatais e a melhoria do funcionamento da administração, já tendo formado grande número de juristas, funcionando em cooperação com a faculdade de Direito de Lisboa. (SANHÁ, p.37-38).

No final da década 90, houve aumento significativo do número de alunos saídos dos liceus nacionais, à procura de ingresso no curso superior, com o objetivo de garantir melhor futuro para suas famílias. Ao mesmo tempo houve redução de vagas de bolsas de estudos aos jovens estudantes de Guiné-Bissau, por causa da crise que assolou os países do “antigo bloco socialista” (SANHÁ, 2009, p.38-39).

Por esta razão, o país elaborou um brilhante projeto de criação de uma Universidade pública, com a sua gestão autônoma. Com isto foi criada no dia 6 de dezembro de 1999, através do decreto lei número 6/99, a Universidade Amílcar Cabral, em homenagem ao pai da nação, Amílcar Lopes Cabral. Mas só começou a funcionar no ano letivo 2003/2004. No mesmo ano, foi criada uma universidade privada no país, cuja iniciativa abriu as portas para o surgimento das outras universidades privadas, como: Universidade Jean Piaget, Universidade Católica da África Ocidental, Universidade Lusófona e Instituto Superior Politécnico Benhoblô. (SANHÁ, 2009, p.38-39).

Mesmo assim, os estudantes continuam a ter dificuldade de ingressar nas universidades privadas, por que a mensalidade é muito alta, tendo em conta a condição de vida do país, já que a maioria dos estudantes que lá estuda, pertence à classe média do país. O testemunho foi de Tino Tamba, que frequentava uma daquelas universidades, chamada Benhoblô, no curso de Ciência Política e Relações Internacionais. O valor total gasto tendo em conta a mensalidade, transporte, alimentação e *internet*, era de R\$300,00. Ele teria que desistir por falta de condição financeira. Portanto, para quem não é de família com condição financeira elevada, o custo para concluir o curso é muito alto.

Cada instituição de Ensino na Guiné Bissau tem a sua regra particular para estipular o preço da mensalidade e da inscrição para seus alunos, por isso que não há preço único. (AUGEL, 2014, p.144). Podemos dizer que é uma estratégia de cada escola, para poder conseguir mais alunos para a sua instituição. Algumas que cobram preços mais elevados acabam por perder os alunos, por que o que conta é a realidade do país, o que significa que a maioria de alunos é vulnerável financeiramente.

Algumas decidiram instituir um preço simbólico, não só tendo em conta a realidade do país, mas também para poder conseguir maior número de alunos. Por outro lado,

um preço simbólico abrirá a porta para que as pessoas vulneráveis ingressem na formação Superior, podendo assim garantir um futuro melhor para as suas vidas.

A seguir apresento o quadro de algumas instituições de Ensino na Guiné Bissau, considerado ano da fundação, nível de formação, categoria e local em que estão funcionando.

Quadro 1 - Escolas superiores, técnicas e médias (privadas e públicas)

Ordem	Instituição	Nível	Ano	Administração	Sítio
01	Escola Nacional de saúde	Técnico	1974	Pública	Bissau
02	Escola de Formação Amílcar Cabral	Técnico	1975	Pública	Bolama
03	Escola Normal Superior Tchico Té, agora engloba Escola 17 de fevereiro e agora tem licenciatura em língua portuguesa, orientada pelo instituto Camões.	Diploma Médio	1979	Pública	Bissau
04	Centro de Formação Administrativo (CENFA), agora tem outro nome, ENA. Escola Nacional de Administração.	Médio/Superior	1982	Pública	Bissau
05	Faculdade de Medicina	Superior	1986	Pública	Bissau
06	Escola Nacional de Educação Física e Desporto (ENEFD)	Superior	1986	Pública	Bissau
07	Faculdade de Direito de Bissau	Superior	1990	Pública	Bissau
08	Universidade Amílcar Cabral (UAC). Agora não está funcionando.	Superior	2003	Pública	Bissau
09	Universidade Colinas de Boé (UCB).	Superior	2003	Privada	Bissau
10	Universidade Católica da África Ocidental.	Superior	2007	Privada	Bissau
11	Instituto Superior de Gestão de Bissau	Superior	2008	Privada	Bissau
12	Sup. Management	Superior	2009	Privada	Bissau
13	Universidade Jean Piaget	Superior	2010	Privada	Bissau
14	Instituto Superior Politécnico Benhoblô	Superior	2011	Privada	Bissau

Fonte: Quecoi SANI *apud* adaptado: SANHA (2009), Augel (2009), PAES (2010), SUCUMA (2013) e Hugo Monteiro (2013).

Como podemos perceber de acordo com a apresentação do quadro das instituições de ensino superior que foram instaladas em Guiné Bissau, tanto públicas quanto privadas, a maioria

foi instalada no centro urbano do país. Esta concentração das escolas na cidade levou muitos jovens a trocarem suas regiões de origem pelo centro da cidade, na procura de acesso ao Ensino Superior.

Esta concentração se dá não só na área do Ensino Superior, mas também quanto ao próprio poder administrativo do país. Emissão de carteira de identidade e passaporte, por exemplo, são serviços que não estão disponíveis em todas as regiões, o que tem como consequência o aumento do nível de pobreza no centro de cidade, bem como falta de oportunidades de emprego para um maior número de pessoas.

3.1 Contextualização histórica da Guiné-Bissau

O presente capítulo tem como propósito auxiliar a compreensão da história da educação do país pesquisado. Para tanto será abordada uma breve contextualização histórica e geográfica.

Guiné Bissau fica situada na costa ocidental da África. Tem fronteira ao Norte com Senegal e ao sul pela Guiné Conakry. A sua superfície é de 36.125km². Está formada por 80 ilhas que compõem o arquipélago de Bijagós e está dividida administrativamente em oito regiões e mais um setor autônomo, Bissau. Bolama fica no sul do país, Gabu no Leste, Cacheu no Norte, Quinara no Sul, Tombali também no Sul, Oio no Norte, Biombo no Norte e Bissau que é capital do país. (SUCUMA, 2013, p.17). Atualmente o país conta com 1.799.842 habitantes, número total da população da Guiné Bissau no ano de 2016. (POPULAÇÃO da Guiné-Bissau).

Dada a esta geografia da Guiné Bissau, onde se encontra, a vegetação do país é do tipo savana e tem clima tropical úmido. A chuva apresenta mais intensidade na região sul do país. Mas nos últimos anos esta região enfrentou falta de chuva, o que reduziu a prática do cultivo de arroz, atividade das mais importantes para o sustento das famílias.

Em virtude desta situação geográfica, a vegetação da Guiné Bissau é do tipo savana E floresta tropical e o clima tropical úmido, há duas estações climáticas durante o ano. A seca, que se estende de novembro a abril, e a chuvosa que vai de maio a outubro. As precipitações chegam a alcançar 2.500mm no Sul, enquanto são registradas precipitações da ordem de 1.400 mm nas zonas leste e norte. Nos últimos anos tem ocorrido significativamente diminuição das chuvas, o que ameaça atividades vitais para a população 'Camponesa. (CA, 1999, p.91).

Será visto abaixo o mapa político da República da Guiné Bissau, para melhor compreensão de sua divisão administrativa. O mapa demonstrará as regiões do país e alguns

setores que compõem cada região, bem como as capitais regionais. Bissau é a capital da república e do setor autônomo de Bissau. Região de Bolama, capital Bolama, que também foi a primeira capital da Guiné Bissau; região de Quinara, capital Buba; região de Tombali, capital Catió; região de Gabú, capital Gabú; região de Bafatá, capital Bafatá; região de Oio, capital Farim; região de Biombo, capital Quinhamel; região Cacheu, capital Cacheu.

Figura 01 - Mapa político da Guiné Bissau



Fonte: www.pt.mapsofwold.com/guiné-bissau/

O país conta com vários grupos étnicos, que contribuem como ingredientes enriquecedores da cultura do país mais rica. Esta diversidade étnica na Guiné Bissau constitui um “mosaico linguístico”, no qual são reconhecidos muitos dialetos diferentes. O crioulo é a língua nacional, que permite a comunicação da população, ou seja, é a língua mais falada no país. Ao passo que a língua portuguesa é a língua oficial do país, falada somente pelas pessoas escolarizadas da sociedade. (CA, 1999, p.91).

A Guiné tem 27 grupos étnicos, mas autores não são unânimes nessa quantificação. E isso por que há grupos, subgrupos e os critérios variam bastante. Aos grupos étnicos correspondem igual número de línguas faladas no território guineense e todas elas já ali estavam antes da chegada dos europeus no território da Guiné Bissau. (AUGEL *apud* SCANTAMBURLO 1997, p.8).

Para ficar mais claro sobre os grupos étnicos que compõem a população da nação guineense, serão apresentadas as porcentagens dos grupos étnicos majoritários da Guiné

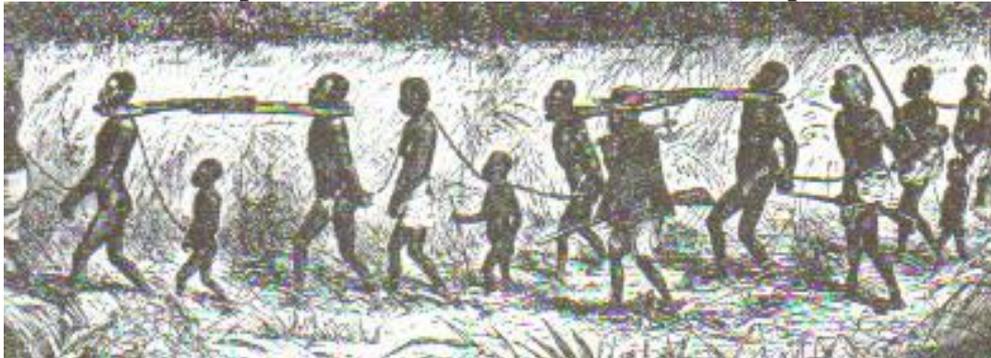
Bissau. “ Balantas contam com 32%, Fulas conta com 21%, Manjacos com 14%, Mandingas com 14% e Papéis com 7% ” . (AUGEL, 1989, p.409).

No que concerne à chegada dos portugueses na costa da Guiné atual Guiné-Bissau, no ano de 1446, chegou à costa da Guiné Nuno Tristão, o primeiro navegador de Portugal. Quando se fala da costa da Guiné, não significa somente Guiné Bissau, mas todos os países que ficam situados na costa ocidental da África. Nuno Tristão foi o primeiro navegador português a chegar nesta costa, e não na Guiné Bissau. Nesta viagem ele foi morto com dezoito homens no canal do Geba. No caso da chegada dos portugueses em Guiné Bissau, é provável que tenha sido Álvaro Fernandes, no mesmo ano de 1446. (BULL, 1989, p.31).

Já no ano de 1450, iniciou-se o “comércio de escravos” pela colônia portuguesa no solo guineense, na região de Cacheu. Em 1687, foi aberto um posto comercial pela colônia “tutelada por Cabo Verde”. (AUGEL, 1989, p.51-53). No século XIX, muitas pessoas foram arrancadas das suas pátrias como escravos para realizarem trabalhos forçados em outros países como o “Brasil, sobretudo em estados como o então Grão-Pará, atual Maranhão e Pará”.

Em 1756-1788-a companhia do Grão-Pará e Maranhão leva de Bissau e Cacheu um total de 19849 escravos, com destino ao Brasil. Destes chegaram vivos 18580, tendo perecido no trajeto 1269 seres humanos, tratado como mercadorias pelos criminosos traficantes de escravos. (História da Guiné Bissau em *slide*).

Figura 02 - Foto dos primeiros escravos na Guiné Bissau, no primeiro momento



Fonte: www.cart1525.com/gouveia/descobrimento.pdf

No mesmo século em questão, algumas colônias se interessavam pelo comércio de escravos no território da Guiné-Bissau, entre as quais a inglesa, a holandesa e a francesa. Este interesse por escravos motivou a colônia francesa a colocar um ‘assentamento’ na “antiga cidade da Guiné-Bissau, que é Bolama em 1792, por um tempo reduzido de duração”. Já no ano de 1879, começou a engenharia da divisão do continente africano pelas grandes potências

europeias, na qual Portugal ficou com uma colônia na região da Guiné Portuguesa. Neste período, a administração da ilha de Cabo Verde se separou da Guiné.

Com esta dominação pelo massacre de cidadãos, sem nenhuma liberdade ou respeito pelos demais valores humanos, os intelectuais africanos se decidiram ir para a luta, para poder conquistar o respeito, a dignidade e a liberdade dos seus cidadãos. Um deles foi Amílcar Lopes Cabral, que decidiu criar uma formação política denominada PAIGC – Partido Africano da Independência para a Guiné e Cabo Verde em 1956 em Bissau, com os seus cinco companheiros. Depois da sua fundação, o Partido começou a fazer o trabalho de base, que teve como objetivo, transmitir o projeto de libertação do país, sob domínio colonial para a população da Guiné Bissau. (AUGEL, 1989, p.60-61).

A popularidade atingida pelo partido no seio da população conseguiu mobilizar a paralisação dos estivadores de porto de Pindjiguiti, no dia 3 de agosto de 1959 na capital do país, ocorrendo um sangrento massacre onde muitas pessoas foram mortas pelos soldados portugueses. Este fato impulsionou o partido a ir para a luta amada, abandonando a via da negociação. Assim, no dia 23 de janeiro de 1963 iniciou-se a luta armada na República da Guiné Bissau no Tite, um dos setores do país, que fica na região de Quinara, situada no sul do país (segundo novas da Guiné-Bissau e o movimento de emancipação dos guineenses).

Para melhor compreendermos o que aconteceu no dia 3 de agosto do ano 1959 em Bissau no centro da capital, eu apresentarei abaixo uma foto deste acontecimento bárbaro, perpetrado pelos exércitos portugueses, no qual foram mortos 50 trabalhadores que estavam reivindicando seus direitos. Este acontecimento foi denominado massacre de Pindjiguiti¹ e motivou o desencadeamento da luta da libertação nacional da Guiné Bissau e Cabo Verde.

¹ Pindjiguiti – é um nome dado o principal porto da Guiné-Bissau. Onde foram mortos os funcionários do mesmo na reivindicação de melhor condição de vida, no ano 1959.

Figura 03 - Foto do massacre dos funcionários de porto de Bissau, no dia 3 de agosto de 1959



Fonte: pt.rfi.fr/guine-bissau/20150803-guine-bissau-lembra-massacre-de-pindjiguiti.

O líder da luta armada da liberação da Guiné Bissau, Amílcar Lopes Cabral, foi assassinado em 1973, na República vizinha da Guiné Conakry, na residência em que morava. Na altura, duas pessoas da Guiné Bissau foram presas em relação a este ato bárbaro, mas os motivadores deste crime não foram identificados. (AUGEL, 1989, p.62). O pano de fundo deste crime era interromper o processo da libertação do povo guineense, o que não ocorreu, senão que aprofundou a continuidade da luta, uma vez que o PAIGC tinha ganhado cada vez mais apoios diplomáticos internacionais. Já no dia 24 de setembro do mesmo ano da morte de Amílcar Cabral, o país conquistou a sua liberdade nas mãos dos portugueses, que só seria reconhecida por Portugal no dia 10 de setembro do ano 1974. A luta durou onze anos. (CA, 1999, p.91).

Abaixo será apresentada a bandeira da República da Guiné Bissau que passou a ser adotada depois da independência do país. Ela contém três cores e uma estrela negra de cinco pontas. A cor vermelha representa sangue dos que foram mortos durante a luta contra colonialismo português; a cor amarela representa os frutos do trabalho e a colheita para a alimentação da população; a cor verde representa a natureza das florestas e esperança de um futuro feliz. No entanto, a estrela negra representa o povo africano, bem como da sua dignidade, paz e liberdade.

Figura 04 - Bandeira da Guiné Bissau



Fonte: equatoria.blogspot.com/2009/03/guine-bissau.html

Na República da Guiné Bissau, apesar de livre do jugo colonial português, é visível a instabilidade política militar e institucional entre os órgãos da soberania durante o período de 1980 a 2012. Neste período muitas pessoas foram assassinadas, no contexto de inúmeros golpes de estados que ocorreram. O primeiro golpe, em 14 de novembro de 1980, foi liderado por Nino Vieira e derrubou o primeiro presidente do país, Luís Cabral. A guerra civil de 7 de junho de 1998, derrubou também o presidente Nino Vieira, liderada por Ansumane Mané, (chefe do Estado-Maior das forças armadas na altura). O golpe de estado de 2003 derrubou o presidente Koumba Ialá, liderado por Veríssimo Correia Seabra, (chefe do Estado-Maior das forças armadas na altura). (AUGEL, 1989, p.62-70). E o golpe de 2012, derrubou o governo de Carlos Gomes Júnior, foi dirigido pelo Comando militar², com o seu líder Antônio Injai. Esta situação levou o país a um desequilíbrio social.

A Guiné Bissau não se equilibrou ainda. Tendo conquistado a independência a umas mais de três décadas, continua a figurar entre os dez países mais pobres do mundo, que fazem parte da lista de países analisados em termo de performance de desenvolvimento humano. Os indicadores econômicos e sociais que geralmente são usados para avaliar os países segundo seus desenvolvimentos atestam claramente a difícil situação em que a Guiné Bissau se encontra com 87% da população vivendo com menos de um dólar por dia [...] (AUGEL, 1989, p.72).

² Comando militar-É auto-denominação dos militares que dirigiram o golpe do estado, de 12 de Abril de 2012.

Após a proclamação da independência, as pessoas que tiveram formação acadêmica, não ultrapassavam 14 pessoas, proporcionalmente a mais de dezessete pessoas com o diploma médio. A situação mostra claramente a falta de vontade de Portugal, para com a sua colônia, com esta situação de carência de quadros para o país. Por esta razão, a muitos jovens foram oferecidas bolsas de estudos no exterior, mas com o critério de que retornassem para ajudar na construção do país. Foram bolsas em países diferentes, nomeadamente, França, Inglaterra, Cuba, Brasil e, mais tarde, Portugal. Hoje o país tem um bom número nos quadros universitários, embora maioria esteja fora do país.

O país não conta até hoje com nenhuma livraria, apenas uma editora particular (ku-Si mon.), além da editora escolar, fundada e mantida pela cooperação sueca, que edita livros didáticos. Há uma gráfica do Estado e alguns poucos particulares, alguns jornais, nenhuma revista cultural, porém são dignas de nota as publicações regulares do Instituto Nacional e Pesquisa (INEP): tantos os livros de estudos e de ensaio [...] em 2004, começaram a funcionar no país duas universidades, uma oficial (Universidade Amílcar Cabral) e outra particular (Universidade Colina de Boé). (AUGEL, p.73-74).

4 O SURGIMENTO TARDIO DO ENSINO SUPERIOR NA GUINÉ BISSAU EM RELAÇÃO A PORTUGAL E À COLÔNIA FRANCESA E INGLESA

É fato que o Ensino Superior na Guiné-Bissau chegou ao país com muita demora, ou seja, o país consta na lista dos últimos países do continente africano a ter acesso ao Ensino Superior, o que aconteceu bem recentemente. Certamente os países colonizados pelos portugueses sofreram bastante este atraso, que é o recurso mais procurado na nossa sociedade dita moderna, como ferramenta indispensável para a construção da sociedade humana e a transformação do mundo circundante. O mundo só poderia ser transformado através do conhecimento científico, de pesquisas com intuito da descoberta de novas coisas e do desenvolvimento de uma visão crítica da sociedade na qual o homem está inserido.

Exemplo de surgimento de algumas instituições de Ensino Superior em países não colonizados pelos portugueses: em 1538, foi “implementada” a primeira Universidade da América em Santo Domingo, depois a Universidade de Lima (Peru) em 1557, a do México em 1559 e em 1636 a Universidade Harvard nos Estados-Unidos. Nos finais do século XVIII, surgiu a Universidade de Serra-Leoa e também as da Uganda e do Senegal apareceram nos finais do século XIX. Isto mostra claramente que a colonização inglesa e francesa, marcaram diferença em relação à colonização portuguesa, em termos de implementação da educação superior colonial (AUGEL, 2014, p.139-141).

O período de aparecimento do ensino superior nos países da colônia portuguesa justifica essa diferença. No Brasil, o ensino superior apareceu no ano 1808, neste caso, a escola de medicina da Bahia (AUGEL, 2014, p.140). Enquanto que nos países Africanos da Língua Oficial Portuguesa (PALOP), Portugal, na década de 1960, deu a início à implantação do ensino superior. De acordo com Arnaldo Sucuma (2013, p.61):

Na cidade de Luanda, (...). Em Moçambique em 1962; em Cabo Verde em 1995; em São Tomé e Príncipe em 1998, Instituto Superior Politécnico. Podemos observar assim, o atraso com que o ensino superior chegou às antigas colônias portuguesas.

Ao passo que na República da Guiné Bissau, a educação passou por muitas experiências da sua implementação no país, até que se tornou uma realidade para os guineenses (AUGEL, p.141). Já em 1999, foi criada a primeira Universidade Pública no país, a Universidade Amílcar Cabral (UAC) (SUCUMA, 2013, p. 61).

Outro relato mostra que, a metrópole portuguesa não abria as mãos para investir na educação nos países colonizados por ela.

Os três regimes tinham como base comum a seletividade e a discriminação dos povos Colonizados; apenas os indivíduos de nacionalidade francesa, inglesa ou portuguesa adquirida tinham direito a uma educação que fosse mais além do elementar. Para Portugal e os assimilados e a educação dos primeiros se limitava ao ensino rudimentar como noções básicas de cálculo e um aprendizado superficial da Língua portuguesa (...) enquanto a Gâmbia determinava o equivalente a 3,08 dólares para os gastos com a educação para cada habitante. Portugal disponibilizou 0.36 dólares por cada habitante (AUGEL *apud* SANI, 2014, p.141).

Com estes dados acima abordados sobre atraso do surgimento do ensino superior na Guiné Bissau, vale a pena perguntar, o que motivou este atraso na Guiné-Bissau? Para responder a esta importante questão, é indispensável destacar três aspectos importantes que possam ajudar de certa forma a respondê-la. **O primeiro aspecto:** os portugueses não tinham vontade de implementar a educação superior na Guiné Bissau. De acordo com (SANI, 2014, p.136) “nota-se que a Guiné-Bissau iniciou tardiamente a implantação da educação superior, seja pela sua independência, em 1974, seja porque o país colonizador nunca mostrou interesse em ofertar o ensino superior para além do básico”. Se o país colonizador tivesse a vontade de implementar o referido ensino superior, colocaria este ensino desde muito cedo na Guiné Bissau. Como bem sabemos, o ensino superior em Portugal surgiu desde o século XIII.

Segundo aspecto: os portugueses não tinham Guiné-Bissau como residência da colônia, pois ela era administrada simultaneamente com o Cabo Verde. A região era estabelecida simplesmente como um interposto importante para “tráfico humano e para estabelecimento da navegação transatlântica” (AUGEL, 1989, p.54).

O fato da Guiné-Bissau não ser residência da colônia, pode de certa forma ter influenciado este atraso do surgimento do ensino superior no país. Porque pode ser que tivessem menos vontade de implementar ali a melhor educação para a população, ou seja, era só um sítio para eles resolverem os seus problemas, ou seja, arrebanhar escravos e depois levá-los para vender e tirar os seus benefícios.

O terceiro aspecto: na “classificação” dada pelos portugueses aos países colonizados, à Guiné-Bissau era atribuído o estatuto de indiginado, ou seja, não civilizado, como também a Angola e Moçambique, sendo que Cabo Verde estava fora dessa classificação.

De acordo com Carlos Lopes (2012, p.22):

Lisboa decretava não civilizada" a população indígena da Guiné Bissau, Angola e Moçambique, mas não de Cabo Verde. Como não civilizados, os indígenas tinham que passar por um teste de civilização para serem considerados civilizados "(...)". O teste" sublinhava a capacidade de ler, escrever e falar português "corretamente"; ter um emprego assalariado bom comportamento" e abandonar os usos" e costumes tribais.

Com esta classificação, os portugueses tentavam desencorajar os colonizados nas suas práticas culturais, para que então adquirissem as práticas europeias. Era simplesmente para desvalorizar os valores dos negros na altura, ou seja, para tentar justificar que eles trouxeram as práticas civilizadoras para os colonizados, uma vez que diziam que para uma pessoa ser considerada civilizada teria que saber ler e escrever em português.

Com sua chegada ao ano de 1446 os portugueses conseguiram introduzir a sua doutrina, como se fosse a sua missão levar a "civilização" e a salvação aos "primitivos" e gentios, tentando esconder o interesse econômico que era a principal fator neste processo das descobertas das novas terras. Essa missão de ir evangelizar outros povos foi apresentada sempre como alicerce da sua filosofia. (MENDY, Peter, 1993.p. 5). Para isso, a assimilação era considerada parte integrante da doutrina colonial portuguesa, estando intimamente ligada à missão civilizadora, que tem a sua base na tentativa de mostrar a superioridade natural deles em relação aos outros povos. Este procedimento envolveu a destruição de sociedades africanas, a imposição da cultura da colônia e a aproximação de assimilados "destribalizados" e "lusitanizados" da sociedade portuguesa (MENDY, 1993.p.5).

Vamos ver alguns requisitos para o candidato poder ser chamado de assimilado. Segundo (CABAÇO, 2009, p.113-114):

- a) ter mais de 18 anos. b) falar corretamente a língua portuguesa. c) exercer profissão, arte ou ofício de que aufera rendimento necessário para o sustento próprio e das pessoas de família a seu cargo, ou possuir bens suficientes para o mesmo fim
- d) ter bom comportamento e ter adquirido a ilustração e os hábitos pressupostos para a integral aplicação do direito público e privado dos cidadãos portugueses. e) não ter sido notado como refratário ao serviço militar nem dado como desertor.

É um absurdo, porque naquela altura a maioria da população era analfabeta. Como diz Carlos Lopes (2012, p.22) "Por ironia, o critério mesmo da alfabetização e fluência em português claramente desqualificava um número significativo dos próprios portugueses – cerca de 70% da população de Portugal em 1920 e 67% de seus cidadãos em 1930". Este aspecto pode também influenciar nesta demora do ensino superior no país, por que não ser civilizado, quer dizer ter menos privilégio em relação àquele que é considerado civilizado

pelos portugueses, não ter valor na sociedade europeia, por ainda abraçar a sua prática cultural.

De acordo com João Ribeiro Butiam Có, coordenador executivo do Fórum da Concertação Nacional sobre Ensino Superior, “no período entre 1471 e 1961, Guiné Bissau contou no país com somente 25 quadros, 14 deles com a formação superior e 11 com nível de técnico médio”. Ele salientou um aspecto muito importante, o de que essas pessoas eram consideradas assimiladas pelos portugueses e por isso conseguiram adquirir esta formação. O que quer dizer que quem não tinha estatuto de assimilado não poderia ter acesso à educação na época colonial.

É bom salientar também, que a educação dada na “época colonial” pelos portugueses tinha a sua finalidade nas sociedades dos países colonizados. “O objetivo desta educação, quer dos civilizados, quer dos indígenas, era criar e expandir uma base de colaboradores voluntários e capazes, com o mínimo de educação e preparação”.

Segundo Mendy:

Basicamente, era prática e funcional, e como o Cardeal Manuel Gonçalves Cerejeira, o patriarca de Lisboa, tornou explícito em 1960, não tinha intenções de criar uma inteligência africana. O tipo de escolas precisas na África “portuguesa”, como o Cardeal aponta, eram escolas [...] para ensinar os indígenas a escrever, a ler e a contar, mas não para os tornar doutores. (MENDY *apud* ROBINSON, 1979, p. 101).

Como é claro, a educação é uma das ferramentas mais importantes na vida dos seres humanos. Ela prepara o homem para ser crítico numa determinada sociedade ou grupo em que ele se encontra inserido. Por outro lado, os portugueses sabiam disso, por isso que davam acesso à população ao ensino básico, o que permitiria a comunicação entre eles, mas não ao ensino ao superior, o que poderia transformar a visão da população numa visão crítica, que de certa forma poderia dificultar as suas explorações no país.

No próximo capítulo será abordada a reflexão sobre a não consolidação do ensino superior no país, durante o período da nossa pesquisa, entre 1974 e 2012.

5 REFLEXÕES ACERCA DA NÃO CONSOLIDAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR NO PERÍODO DE 1974 A 2012

Depois que Guiné Bissau adquiriu a sua almejada independência que libertaria todo cidadão do jugo colonial português, o país veio a enfrentar enormes dificuldades em diferentes áreas da administração do estado, neste caso, a falta de quadros técnicos qualificados, que pudessem ajudar na construção de um novo estado. Este fato levou o país a fazer cooperação com os seus parceiros internacionais na área da educação, inicialmente no nível médio profissional e, com o decorrer do tempo, no nível superior. Não obstante as vagas concedidas pelos parceiros eram limitadas e o país decidiu implementar algumas escolas internas para poder atender à demanda da sociedade. (SANHÁ, 2009, p.37).

Assim começaram a surgir algumas escolas no país: em 1974 a Escola Nacional de Saúde, com intuito de ministrar cursos para a formação dos técnicos da área da saúde. Em seguida surgiu a Escola de formação Amílcar Cabral, na cidade de Bolam, para formar os professores na área do ensino básico. Em 1979, foi instalada a Escola Normal Superior Tchico Té, com o curso de Bacharelado, que corresponde na Guiné Bissau ao curso médio. Depois foi aberto o curso de Licenciatura em Língua portuguesa nesta instituição. Em 1982, foi aberto o Centro de Formação Administrativa (CENFA) atualmente (ENA), Escola Nacional De Administração, que confere o diploma técnico e superior na área de Contabilidade e Administração. (SANI, 2014, p.134).

Já em 1986, foi criada a Faculdade de Medicina, com o apoio de Cuba, para a formação de quadros para a saúde pública, mas por falta de recursos suficientes para sustentar as suas atividades, porém foi integrada na Universidade Amílcar Cabral em 2004. No mesmo ano, temos a Escola Nacional de Educação Física (ENERD), para habilitar os alunos para a área da educação física e desporto. Em 1990, Faculdade de Direito de Bissau, para formar os juristas do país. Em 2003, a Universidade Amílcar Cabral (UAC) e a Universidade Colina de Boé no mesmo ano e outras. (SANIN, 2014, p.134-135).

Apesar de tantos esforços demonstrados pelos governos do país para a criação de instituições internas visando a formação de quadros qualificados, para poder guiar o desenvolvimento do país, não houve a consolidação dos mesmos, por causa da frequente instabilidade política e militar que o país veio a vivenciar depois da sua independência. Por exemplo, o golpe de estado de 14 de novembro de 80 que derrubou Luís Cabral, o primeiro presidente eleito democraticamente, sob a justificativa por parte dos golpistas, de salvaguarda

da unidade nacional. O “golpe” foi denominado “Movimento Reajustador” (AUGEL, 1989, p.63) e foi responsável pela destruição de várias “pequenas fábricas” montadas no período do governo de Luís Lopes Cabral, prejuízo que até hoje o país não conseguiu recuperar.

Segundo Arnaldo Sucuma (2013, p.28):

O governo de Luís Lopes Cabral iniciou em (...) industrialização (...) tais como estrela do mar; montagem de automóveis; complexo industrial de Cumere (CAIC); unidade de montagem de veículos (NHAI), leite blufo unidade de produção de leite pasteurizado, (...); Volvo-é uma unidade de manutenção do carro Volvo; plástico-uma Unidade de produção de produtos de plásticos; Titina Silá-uma unidade de produção de sumo e comotas de fruta de caju; Espuma-unidade de produção de colchoes de Espuma; Socotram-unidade de corte e de processamento de madeira e Cerâmica de Bafatá-unidade industrial para produção de telha, blocos (...).

Estas unidades infelizmente duraram pouco no país, o seu desaparecimento deixou o povo sem esperança, pois o custo de vida passou a ser muito caro e a população teria menos oportunidades de emprego, reduziu significativamente a importação de produtos de primeira necessidade para o país (arroz e óleo etc.). (SUCUMA, 2013, p.29).

O caso de “17 de outubro” de 1985, muito terrível, culminou nas prisões e assassinatos de muitas pessoas, civis e militares. O ato foi justificado por alegada tentativa de golpe de estado e muitos envolvidos no caso foram “fuzilados” (SOUZA, p.39). Outra fase que marcou também a história de Guiné Bissau foi a “guerra civil” de 1998, que também derrubou o presidente eleito do país, Nino Vieira (AUGEL, 1989, p.67) e o último o golpe de estado de 12 de abril de 2012, que derrubou o governo do Partido Africano Para Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), que rezamos que seja o último golpe do estado no país (SOUZA, p.103).

Também o processo do ensino na Guiné Bissau, enfrentou outros problemas: falta de materiais didáticos e de professores qualificados, infraestrutura precária e sucessiva mudança de governos. Estas situações acabariam por não abrir perspectivas de estabelecimento de um melhor ensino para os seus cidadãos.

Como afirma SANI (2014, p.141):

Todavia, o país se deparava com graves problemas, como: falta de professores, materiais, as sucessivas greves dos professores, exigindo as melhores condições de qualidade de vida no trabalho e permanente instabilidade política e militar que acabam por tornando muito fraco o nosso sistema do ensino. Nessa direção, afirma Augel (2007, p.72-73), o número de professores com uma formação pedagógica e acadêmica é mínimo (...).

De acordo com SUCUMA (2013, p.40) “(...), contudo, desde que o país assumiu a democracia nunca conheceu a paz governativa, e esta instabilidade política contribuiu

sobremaneira para o atraso no desenvolvimento em todos os setores (...) como na economia, saúde, educação, justiça” (...).

É verdade que, a instabilidade política e militar contribuiu bastante para a não consolidação do ensino superior no país, porém percebe-se que houve falta de vontade política da parte de nossos governantes neste período. Porque é absurdo quando uma pessoa dá um golpe de estado e depois faz pior do que aquele que estava no poder. Nesta situação, a elite não quer ajudar a melhoria deste processo, para que possa continuar no poder e por isso é que a maioria manda os filhos se formarem no exterior.

De acordo com a página da educação da Guiné-Bissau, a situação do ensino na Guiné Bissau não é somente a falta dos recursos financeiros como muitos pensam, mas também a falta de vontade política dos dirigentes do país, no que diz respeito à má administração do ensino pelo Ministério da Educação enquanto órgão responsável por ministrar o ensino para os cidadãos guineenses, explicou Luís Nancassa, ex-responsável de Sindicato dos professores do país. Disse ele que os políticos do país fomentam elites governamentais para perpetuarem o estado através da falta de investimento na melhoria da área da educação do país. Aos filhos das pessoas de classe média ou filhos de pessoas influentes na sociedade, são concedidas pelo governo bolsas de estudo para o exterior ou para estudar no próprio país, em alguns colégios privados, com o ensino de maior qualidade do país.

6 O PODER POLÍTICO DA GUINÉ BISSAU FRENTE AO PROCESSO DE ENSINO SUPERIOR

Depois da independência da República da Guiné Bissau, obtida no ano de 1973 e no ano seguinte reconhecida por Portugal, o país enfrentou naquela altura enorme dificuldade, com a falta de quadros qualificados, para poder guiar o processo do desenvolvimento do país, como tinha sido almejado durante a guerra de libertação nacional.

Todos os guineenses desejavam ter paz, progresso e a construção da nova nação para todos os filhos da Guiné Bissau. Estes elementos citados requeriam a união de todos guineenses, em torno do projeto do desenvolvimento do país, para que esta construção de uma nova nação pudesse se tornar uma realidade. Por outro lado, este projeto do desenvolvimento deveria ser dirigido por guineenses bem preparados tecnicamente.

Esta urgente necessidade que o país tinha, levou os dirigentes a se posicionarem em face da situação e a decidirem se voltar para a cooperação com os seus parceiros internacionais de desenvolvimento, no sentido de ajudar o país na formação dos seus quadros, inclusive no domínio da educação. Entre eles: a ex-URSS³, o Brasil, Portugal, etc.

Todavia esta cooperação teve sua vantagem e desvantagem para a Guiné Bissau, no que diz respeito ao processo do desenvolvimento do país. A sua vantagem seria que a cooperação ajudaria a minimizar a necessidade que o país tinha na altura, permitindo que muitas pessoas saíssem da Guiné Bissau, para se formar no estrangeiro, com intuito de voltar após o curso, para contribuir para o desenvolvimento do país.

No entanto, a sua desvantagem foi que, entre aqueles que conseguiram oportunidades de sair para se formar em outros países, muitos decidiram de voltar para o país, como era previsto no processo da cooperação, alegando a falta de estabilidade política, que é um fator indispensável ao processo de desenvolvimento de uma nação e também à falta de reconhecimento dos quadros formados.

É um país onde quem não tem formação consegue emprego e quem tem formação fica de fora, porque não tem concurso público para a atribuição de empregos aos cidadãos. Outro fator também importante é não haver um bom salário, que possa garantir uma vida estável para os funcionários do país. Este conjunto de coisas acabou por causar o não regresso

³ EX-URSS-Significa Antiga União Soviética ou a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

de algumas pessoas ao país, porque para elas, regressar ao país ainda instável era sinônimo de continuar pobre durante a vida toda e inclusive trazer frustração para outras pessoas.

De acordo com João Ribeiro Butiam Có, coordenador executivo do Fórum da Concertação Nacional sobre o Ensino Superior, em sua entrevista no jornal Democrata da Guiné Bissau, no ano de 1980, algumas pessoas, que terminaram a sua formação no estrangeiro, fizeram uma tentativa de voltar para o país, a fim de dar as suas contribuições, em prol do desenvolvimento do mesmo.

Mas, com o início da instabilidade política civil e militar que o país veio a vivenciar depois da sua independência e que começaria por golpes do estado, derrubada de governos eleitos pelo povo e outro ciclo de instabilidade, crise que se desenrola até os dias atuais, não passando de mera luta de controle do poder pela elite, a volta à terra natal após os estudos no exterior tornou-se problemática.

Esta conjuntura que o país tem vivido nos últimos anos, acabou por afetar diretamente o setor educativo do país. Não há professores qualificados para dirigir o processo do ensino superior na Guiné Bissau. Segundo João Ribeiro Butiam Có, 82% dos professores não têm condição de lecionar no país. O mais grave, é ver uma pessoa sem título de licenciado, lecionar no curso de licenciatura. Nestas condições, ninguém espera ter quadros qualificados depois da formação para desenvolver o país. Porque se o professor não é qualificado, não podemos esperar quadros qualificados para o país.

Neste contexto, fica claro que o poder político em Guiné Bissau não considerou o processo do Ensino Superior como sendo uma das prioridades para desenvolvimento de um país. Porque não se pode pensar no desenvolvimento sem pensar na Educação. A Educação é um instrumento indispensável capaz de mudar a realidade do mundo. Como falou Nelson Mandela (MAMADÚ *apud* MANDELA, 1994): “a Educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo”.

O poder político, não criou a condição para que este processo pudesse se consolidar no país, porque depois da independência, já na década de 80, os próprios políticos começaram disputas para controlar o poder. Agora, a missão trazida da luta da libertação Nacional, que é a construção do país, foi substituída pela luta pelo poder, onde todo mundo quer governar o país. Durante este período, entre 1974 e 2012, Guiné Bissau voltou de novo a viver um momento de derramamento de sangue de seus próprios filhos, através de matanças e conflitos militares que aconteceram durante este período em Bissau. É interessante salientar também que, durante este período, nenhum Primeiro-Ministro ou presidente da República

democraticamente eleito terminou o seu mandato, por causa dos sucessivos golpes de Estado. A partir de então, os políticos do país, acabaram por não pensar mais neste processo de Ensino Superior. Por isso, não criaram as infraestruturas para o melhor funcionamento do Ensino em Guiné Bissau, daí a falta de atenção a Educação Superior, falta de verbas para capacitação dos professores, para que possam desempenhar as suas funções de melhor forma nas salas de aulas, na formação dos futuros quadros para guiar o processo do desenvolvimento do país.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa procurou compreender alguns aspectos da história do Ensino Superior em Guiné Bissau, desde o seu surgimento, que se deu no período entre 1974 e 2012. Para tanto, será explícito por que o Ensino Superior surgiu tardiamente" em Guiné-Bissau em relação a Portugal e demais colônias (francesas e inglesas), bem como perceber o papel do poder político no processo de Ensino Superior no período em foco.

Durante a pesquisa sobre o Ensino Superior em Guiné Bissau, foi percebido que, na verdade ele surgiu tardiamente em relação a Portugal e às outras colônias, porque os colonizadores portugueses não mostraram interesse em implantar o Ensino Superior no país, em virtude dos seus interesses prioritariamente econômicos.

Como é evidente, o Ensino Superior é uma ferramenta importante na construção da visão crítica de qualquer ser humano numa determinada sociedade, face à realidade em que se encontra. Por isso, não houve interesse em implantar esta modalidade educacional. É bom salientar, também, três aspectos que poderiam contribuíram bastante para a implantação tardia do Ensino Superior em Guiné Bissau:

O primeiro aspecto – Ficou claro que os portugueses não tinham vontade de programar a Educação Superior na Guiné Bissau. De acordo com SANI (2014, p.136), “nota-se que a Guiné-Bissau iniciou tardiamente a implantação da educação superior, seja pela sua independência, em 1974, seja porque o país colonizador nunca mostrou interesse em ofertar o ensino superior para além do básico”.

O segundo aspecto – Os portugueses não tinham Guiné-Bissau, mas, sim, Cabo Verde, como colônia de povoamento dos portugueses na época. Guiné-Bissau era administrada simultaneamente com Cabo Verde. A região era estabelecida simplesmente como um interposto importante para tráfico humano e para o estabelecimento da navegação transatlântica (AUGEL, 1989, p.54). Então, este fator de certa forma pode motivar o tardio surgimento do ensino superior na Guiné Bissau.

O terceiro aspecto – Na classificação dada pelos portugueses aos países colonizados, à Guiné-Bissau era um dos países que receberam o estatuto de indignado, ou seja, não civilizado, bem como Angola e Moçambique, sendo que Cabo Verde estava fora dessa classificação. (MENDY, 2012, p.22).

O Ensino Superior em Guiné Bissau não foi consolidado até 2012 por causa de instabilidade política e militar que veio a assolar o país depois da sua independência. Durante

este período nenhum primeiro Ministro ou Presidente da República, eleitos democraticamente pelo voto popular, terminaram o seu mandato como a lei manda.

Sobre o processo do Ensino Superior, neste contexto justificou que o poder político de Guiné Bissau não compreendeu o processo do Ensino Superior como sendo uma das prioridades para desenvolvimento do país, uma vez que não se pode pensar no desenvolvimento sem pensar na Educação. A Educação é um instrumento indispensável que podemos utilizar para mudar a nossa realidade. Como nos mostrou Nelson Mandela (MAMADÚ *apud* MANDELA, 1994): “a Educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo”.

O poder político não criou as condições para que este processo pudesse se consolidar no país, porque já na década de 80, portanto, depois da independência, os próprios políticos começaram disputas para controlar o poder. Agora, a missão trazida da luta da libertação Nacional, que é a construção do país, foi substituída pela luta pelo poder, onde todo mundo quer governar o país. Durante este período, entre 1974 e 2012, Guiné Bissau voltou de novo a viver um momento de derramamento de sangue de seus próprios filhos, através de matanças e conflitos militares que aconteceram durante este período em Bissau.

Apresentação de algumas sugestões: com o resultado obtido durante a pesquisa, é óbvio que o Ensino Superior na Guiné Bissau só poderá ser consolidado dentro de seguintes pontos, a saber: **O primeiro**- tem a ver com a estabilidade definitiva no país porque, sem estabilidade política, de maneira alguma é possível pensar no desenvolvimento de um país. Por isso, os nossos políticos teriam que, com bastante vontade política, trabalhar pela construção desta estabilidade, primando primeiramente pelo interesse coletivo, para que o país avance rumo ao desenvolvimento definitivo, de modo que foram eleitos para tal.

Segundo – Os nossos políticos devem eleger a educação como uma das prioridades do governo para o desenvolvimento do país, porque sem Educação é difícil pensar no desenvolvimento de um país. Por que a educação e o desenvolvimento são duas coisas que caminham juntas. De acordo com Nascimento (2001, p.96): “Educação e desenvolvimento são termos usualmente como distintos, mas sempre juntos. Ambos nascem ou são inventados, no interior daquilo que denominamos normalmente modernidade. Educação tal como conhecidos hoje, e o desenvolvimento, são frutos da sociedade.”

Terceiro – O que poderia ser de grande relevância é que, o estado deve investir bastante na Educação, o que passa necessariamente pela disponibilização de verbas para a

normalização da situação que tem assolado as nossas instituições de ensino, o que poderá abrir o caminho para o desenvolvimento do país.

Quarto – O estado deveria descentralizar o sistema do Ensino do país para as outras regiões que compõem Guiné Bissau. Porque todas as Universidades citadas neste trabalho estão estabelecidas no centro do país, ou seja, todas estão na capital do país, o que levou os jovens das outras regiões a saírem para a capital na procura de formação superior ou média para poder garantir o seu futuro e dos seus familiares.

Quinto – Não pode haver o melhoramento da Educação sem que haja, necessariamente, criação de leis que a regularize. Quando falamos da criação de leis, nos referimos também à criação de condições que permitam o cumprimento destas leis.

Os pontos acima referidos são primordiais para a consolidação do Ensino Superior em Guiné Bissau. Sem isto, o país perderia tempo que poderia ser aproveitado para tirar o país de onde se encontra há mais de quarenta (40) anos, desde a sua independência até o ano de 2012. Mas para que isto aconteça, teria que haver a vontade política por parte dos governantes do país.

REFERÊNCIAS

- AUGEL, Moema Parente. O contexto geográfico, histórico e social In: **O desafio do escombros**: nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau. Rio de Janeiro-Brasil: Editora Garamond, 2007.
- AUGEL, Parente Moema. Desafios de ensino superior na África e no Brasil: a situação do ensino universitário na Guiné Bissau e a construção da guineidade. **Estudos de sociologia**. Rev. do progr. De pós-graduação em sociologia da UFPE. v.15.n.2, p.137-159.
- BULL, Benjamim Pinto. **O crioulo da Guiné Bissau: filosofia e sabedoria**. Lisboa: Instituto Nacional de cultura e língua portuguesa; Guiné Bissau: Instituto Nacional de estudos e Pesquisa, 1988, -352p, 17x24 cm- (diálogo: convergência. Cultura popular-Língua africana-Guiné Bissau.
- CABAÇO, José Luís. **Moçambique: identidade, colonialismo e libertação**. São Paulo: UNESP, 2009.
- COBNA, Nhaga. **O ensino superior na Guiné-Bissau: história de um parto difícil**. Disponível em:< <http://oraposaguineense.blogspot.com/2011/07/o-ensino-superior-na-guine-bissau.html>>. Acesso em: 10 jul. 2016.
- DAVIDSON, Basil. **A libertação da Guiné: aspecto de uma revolução africana**. Lisboa: Sá da Costa, 1968.
- DJALO, Tchernof et al. Soronda. Número Especial 7 de junho. Bissau: **Revista de Estudos Guineenses**. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (INEP), 2000.
- DJALO, Tchernof. **O mestiço e o poder: identidade dominações e resistências na Guiné**. Lisboa: Nova Veja, 2012.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Lisboa: Ed. Ulisseia, 1997.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Ed. Atlas, 2010.
- HERNANDEZ, Leila Leite. **Os filhos da terra do sol: a formação do estado-nação em Cabo-Verde**. São Paulo: Summus, 2002.
- KOUDAWO, F. et al. Soronda. **Revista de Estudos Guineenses**. Bissau: INEP, 2000.
- KOUDAWO, Fafali. A emergência do pluralismo político na Guiné-Bissau: In KOUDAWO, Fafali e MENDY Piter Caribe (orgs) **Pluralismo político na Guiné-Bissau**. Bissau: INEP, 1996, p. 13-59.
- LOPES, Carlos. **Desafios contemporâneos da África: o legado de Amílcar Cabral**. São Paulo: UNESP, 2012.

LOPES, Carlos. A Guiné-Bissau a procura de um modelo social. Soronda. **Revista de Estudos Guineenses**. Bissau, 1986.

LOPES, Carlos. **Kaabunké**: espaço, território e poder na Guiné-Bissau, Gambia e Cassamance pré-coloniais. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1999.

LOPES, José Vicente. Cabo Verde. **Os bastidores da independência**. Coleção Documentos para a História de Cabo Verde, Instituto Camões, Praia Mindelo, 1996.

MENDY, Peter Karibe. et al. **Pluralismo político na Guiné-Bissau**: uma transição em curso. Bissau: INEP, 1996.

MENDY, Peter Karibe. **O colonialismo português em África**: a tradição da resistência na Guiné-Bissau, 1879-1959. Lisboa: Imprensa Nacional. Bissau: INEP, 1994.

MENDY, Peter Karibe. A herança colonial e o desafio da integração. **Soronda revista dos estudos Bissau-guineenses**, Guiné Bissau, 1999.

POPULAÇÃO da Guiné-Bissau. Disponível em: < <http://countrymeters.info/pt/Guinea-Bissau>>. Acesso em: 10 jul. 2016.

READER, John. **África**: biografia de um continente. B.H: Tito Lyon de Castro, 2002.

RODRIGUES, Auro de Jesus: **Metodologia científica**. São Paulo: Avercamp, 2006.

SANI, Q. Oliveira, M. R. **Educação Superior e desenvolvimento na Guiné Bissau: Contribuições limites e desafios**. Revista pedagógica, Chapéco, v.16, n.33, p.127-152, jul./Dez. 2014.

SEMEDO, R. J. et al. Tenções mundiais. **Revista do observatório das nacionalidades**. Fortaleza: Eduece, 2011.

SOUSA, S. Julião. **O golpe de 12 de Abril de 2012 e a reação Internacional**. In _____ . Guiné – Bissau: A destruição de um país: Desafios e reflexões para uma nova estratégia nacional. Coimbra: Editora, 2012. p. 1-190.

SUCUMA, Arnaldo. **Estado e ensino superior na Guiné Bissau (1974-2008)**. Dissertação do mestrado.2013. 115 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política)-Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A Pesquisa Científica. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Orgs). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS, 2009. p. 31-42.

SANHÁ, Alberto. Educação Superior em Guiné-Bissau. In: Seminário Internacional Educação Superior na CPLP/PUCRS.p. 37-38.

TEIXEIRA, Ricardino Jacinto Dumas. **Sociedade civil e democratização na Guiné-Bissau 1994-2004**. Recife: Editora Universitária, UFPE, 2010.

TRÊS de Agosto de 1959, Mas-Sacre de Pindjiguiti. Disponível em: < <http://www.nobidadtv.com.br/history> >. Acesso em: 12 jul. 2016.